

CARTAS DO APAGÃO

Hely D. Cabral da FONSECA
(Doutoranda IEL/Unicamp)

RESUMO *No período da recente crise de energia no Brasil instaurou-se uma problemática no entendimento das instruções das cartas (do apagão) endereçadas ao povo brasileiro. No presente trabalho buscamos estudar os sentidos da expressão “atingir a meta” no discurso do Português Brasileiro antes e depois da crise de energia.*

Palavras-chave: crise de energia, atingir a meta.

ABSTRACT *In the recent energy crisis period in Brazil the government sent letters to the people giving them directions on how energy economy should be attained. A problem related to the understanding of those letters were observed. In the present paper we study the expression “atingir a meta” (reach the objective) trying to show the senses that the expression studied had before and after the crisis.*

Key-words: energy crisis, attain the goal.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos estudar os sentidos da expressão “atingir a meta” no discurso do português do Brasil, antes e depois do racionamento de energia decretado pelo governo brasileiro, através da medida provisória no. 2.148-1 de 22 de maio de 2001. Pretendemos examinar os sentidos construídos que o uso de tal expressão causou desde que foi utilizada nas cartas, que designamos como “cartas do apagão”.

Como material empírico temos o número especial do Jornal da Unicamp de julho de 2001 sobre a crise energética; quatro cartas (ver anexos) de companhias brasileiras de fornecimento de energia: Coelba (BA), Cemig (MG), Coelce (CE) CPFL (SP), Cartilha aos consumidores (CPFL); além de artigos da Folha de São Paulo e A Tarde (BA) dos meses maio a julho/2001, e arquivos da Folha de São Paulo on-line no período de dezembro de 2000.

Analisaremos as cartas do apagão e as conseqüências do uso de expressões acima citadas sob o ângulo da Pragmática, a ciência que estuda o uso da linguagem.

O referencial teórico metodológico utilizado é o programa de estudos lingüísticos críticos elaborado por Norman Fairclough (1993) que, através de análises de textos, procura mostrar as ligações entre língua, poder e ideologia, focalizando elementos lingüísticos para mostrar que o uso da linguagem é socialmente determinado nas interações sociais.

O tipo de fenômeno que vamos examinar não é algo isolado na linguagem. Nogueira (2000) constata em seus estudos que o termo “velhice” foi substituído pela expressão “3ª idade” no jornal A Folha de São Paulo.

No presente estudo focalizam-se as relações de poder que se revelam pela mudança de sentidos no uso de expressões lingüísticas.

2. CRISE ENERGÉTICA NO BRASIL

No Jornal da Unicamp (JU) em número especial sobre a crise energética no Brasil, edição de julho/2001, encontramos o título “São Pedro nada tem a ver com isso”. Nessa entrevista o Sr. Secundino Soares Filho, engenheiro e especialista em energia elétrica no país, afirma que o sistema de hidrelétricas do Brasil foi projetado para o desperdício, o que, segundo ele, isenta São Pedro de qualquer culpa. A nosso ver, se o sistema provoca desperdício, o consumidor brasileiro também ficaria isento de culpa pela crise. Em um outro trecho da entrevista explicita que choveu bem em 97 e 98; em 99 e 2000 choveu razoavelmente, acima da média no sudeste; mas, conforme o autor, como a falta de investimentos foi maior do que a chuva que caiu, a crise apareceu. Afirma o especialista que pelo menos no sudeste a crise não pode ser atribuída à falta de chuvas.

Em 1986, lembra o entrevistado, houve uma situação semelhante quando se cogitou colocar as térmicas em plena carga, o que foi negado pelo Ministro de Energia, na época Sigeaki Ueki, por envolver enormes gastos financeiros. Portanto a crise vem de longa data e o governo tinha conhecimento do problema.

Na pág. 3 do JU, a matéria sob o título “Governo pede socorro a técnicos que ignorou”, temos o relato do Sr. Sérgio Bajay que vinha alertando o governo sobre a crise eminente no setor por mais de dois anos, e só em 2001 o governo recorre a esse mesmo técnico que antes preferia ignorar.

Mencionamos esses fatos abordados no JU porque o Governo Brasileiro insistiu em afirmar que não tinha conhecimento da crise, e que foi pego de surpresa pela mesma. Essa afirmação do Governo Brasileiro não corresponde aos fatos de acordo com a maioria dos técnicos brasileiros entrevistados pelo JU.

3. OS SENTIDOS NUMA PERSPECTIVA SOCIAL

Segundo Fairclough o poder ideológico é exercido no discurso. Há duas maneiras de exercer e manter o poder: coercitivamente, forçando a adesão, com sanções violentas; ou pelo consentimento, ou seja, cooptando pessoas para exercer o poder sem que elas percebam que estão sendo manipuladas. O estado inclui forças repressivas que podem ser usadas para coagir se necessário, mas, segundo o autor, toda classe dominante considera menos custoso e menos arriscado governar, se possível pelo consenso. O discurso é o *locus* da ideologia, um mecanismo chave para governar por consenso. Este é o mecanismo freqüentemente usado para integrar pessoas em esquemas de controle de tal forma que elas passam a se sentir parte do processo, sem o perceber, rotulados que são de *consumidores* ou *donos de ações*, ou *cidadãos* de uma nação. Há também, comenta o autor, uma tendência em remover da superfície do discurso as marcas de autoridade e de poder.

No caso da crise energética no Brasil, as cartas do apagão mediarão o primeiro contato formal entre o governo e o povo. O assunto foi amplamente coberto pela mídia, um caso da comunicação de massa. Fairclough alerta para o fato de que nas matérias de jornais pode-se pensar que o jornalista que escreveu o texto detenha o poder, mas lembra, todo jornalista e todo jornal funciona sob o controle de um editor. Talvez seja a ideologia do editor em ação, ou talvez os textos tragam alguma outra força representada. O autor chama a atenção para a existência do 'poder disfarçado', quando a mídia traz interpretações favorecidas com palavreado escolhido pelos poderosos, embora disfarçadas como próprias do jornal. Os efeitos de expressões manipuladas através da mídia têm efeitos cumulativos, funcionam pela repetição de formas particulares de lidar com os fatos, e de formas particulares de posicionar o leitor, sempre com o objetivo do exercício do poder. Acreditamos que os estudos críticos de Fairclough nos permitirá melhor entender a escolha do uso da expressão 'atingir a meta' durante a crise.

Norman Fairclough (*op. cit.*) ao tratar da análise de textos na perspectiva da pesquisa social, usa o termo *sentido potencial* para referir-se aos sentidos convencionalmente associados a uma palavra, que o dicionário tenta representar. Segundo ele, a forma como o dicionário associa grupos de verbetes a uma palavra implica na visão de que existe um sentido potencial que é estável, universal (no sentido de ser comum a todos os membros de uma comunidade de falantes) e claramente demarcado. Assim, enfocando as expressões que pretendemos estudar, os sentidos potenciais de "atingir", e "meta" no dicionário são:

a.tin.gir *vtd* (*lat attingere*)

1 Pôr-se em contato com; tocar: *As chamas já atingiam o derradeiro pavimento. vtd e vi* **2** Chegar a: "As primeira bâtegas despenhadas da altura atingem a terra" (E. da Cunha). "Estas duas espécies raro atingirão a um palmo" (J. Veríssimo). *vtd* **3** Dizer respeito a; interessar: *Essa portaria não nos*

atinge. vtd e vti **4** Alcançar, conseguir, obter: *Em pouco tempo atingiu a fortuna. Com os anos atingimos a melhor compreensão das coisas. vtd e vti* **5** Compreender, perceber: *Almejava atingir a sutileza daquelas doutrinas. Não atingi ao que pretendeu dizer.*

Michaelis on-line – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

O verbete acima nos dá subsídios para afirmar que os sentidos atingir como “tocar” e “chegar a” podem ser combinados perfeitamente com meta.

me.ta¹ *sf (lat meta)*

1 Alvo, mira. **2** Fim a que se dirigem as ações ou os pensamentos de alguém. **3** Baliza, barreira, limite, marco, termo. **4** *Esp* Arco, cidadela, gol. **5** Arena. **6** Poste ou sinal que, nas corridas de cavalos ou nas regatas, indica o ponto final da carreira. *sf pl* Resultados sucessivos a obter na programação de um trabalho.
Michaelis on-line – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

A conceituação de meta admite a idéia de “limite” na 6ª opção, quando contamos os significados possíveis a partir do número 1 das entradas. Portanto, é possível utilizar “meta” por “limite” sem problemas. Porém, retomando o verbete “atingir”, vemos que nenhum de seus sentidos potenciais comporta a idéia de “impor”. Portanto “atingir” não poderia ser usado como sinônimo de “impor”, sentido que se deduz existir nas cartas do apagão.

Fairclough trata da relação entre palavras e seus significados como um domínio de experiência que pode ser recortado como parte das relações sociais. Desse modo, os sentidos passam a ser construídos a partir dos elementos de uma ordem do discurso, ou seja, passam a ser atribuídos a partir dos conflitos ideológicos internos a uma determinada conjuntura sócio-histórica. As condições de produção de um discurso, portanto, determinam o sentido de uma palavra, expressão ou enunciado. Não existe, pois, um sentido único.

Partindo da compreensão de que as relações de sentido dependem do lugar ‘social’ de onde se fala, entendemos que as “cartas do apagão” construirão os sentidos para “atingir a meta” de acordo com as posições ideológicas assumidas no processo sócio-histórico na qual esse discurso é produzido.

Não se pode, portanto, falar das relações de sentidos, por exemplo entre palavras ditas sinônimas sem levar em conta que as escolhas lexicais são também feitas a partir das condições de produção do discurso.

A expressão em estudo foi lançada ao consumidor de modo a responsabilizá-lo, deslocando a responsabilidade do Governo Brasileiro para o indivíduo: o cidadão brasileiro. Um dos *modus operandi* da ideologia de que nos fala Thompson (1995) é a dissimulação. O sentido de “atingir a meta” é usado como ideologia, ou seja, um sentido a serviço do poder. Tal sentido é operacionalizado de modo a dissimular esta passagem da gerência dos recursos energéticos do Estado para o cidadão. Não é

mais o Governo responsável, ou culpado pela crise energética, mas os cidadãos brasileiros que ‘desperdiçam’ energia.

3.1. Antes da crise

Vejam os alguns exemplos de uso das expressões “atingir/cumprir a meta/objetivo” que aparecem na Folha de São Paulo no ano de 2000, portanto antes do momento histórico da decretação da crise de energia no Brasil.

- (1) *Diferentemente dos seis anos anteriores, 2001 começa com o orçamento aprovado.....O Brasil mostra maior disciplina fiscal, prevenendo-se o cumprimento das metas com o FMI... a novidade histórica desta virada de milênio reside na possibilidade de planejar minimamente a vida econômica no Brasil. Feliz e previsível 2001. (FSP “Dinheiro”, 30/12/2000: B2).*

No trecho acima o cumprimento das metas relaciona-se com algo positivo, Feliz previsível 2001. Poder planejar é visto como algo bom.

- (2) *Para o economista Carlos Langoni... a taxa trimestral do PIB indica que o crescimento deste ano deverá ficar em torno de 4%, como previa o governo no começo deste ano. “O governo inclusive pode comemorar porque, pela primeira vez em muitos anos, vai acertar duas importantes metas, a da inflação e a do crescimento”. (FSP “Dinheiro”, 23/12/2000: B1).*

No exemplo (2) temos a relação de comemorar com o fato de ter o governo acertado duas metas importantes.

- (3) *“O meu plano é continuar treinando até o dia 31 para poder fazer uma boa corrida. Tenho certeza de que poderei atingir essa meta”, disse o atleta paranaense.(FSP, “Esporte”, 29/12/2000: D4).*

Em (3) temos a ligação de boa corrida com atingir meta.

- (4) *O Santander chegou para vencer. Essa é a mensagem que o banco está passando aos gerentes das agências para incentivá-los a cumprir todos os objetivos que a instituição definiu. Entre as estratégias de incentivo previstas para serem utilizadas pelo banco espanhol... estão prêmios para os funcionários que tiverem bons desempenhos. (FSP “Dinheiro”, 28/11/2000).*

Em (4) temos a idéia de cumprir objetivos (ou metas) de bom desempenho relacionada à premiação.

Observamos que nos exemplos (1 a 4) acima o fato de “atingir meta” relaciona-se a algo positivo que pode ser premiado. As definições listadas acima para “atingir” e “meta” não contemplam punições.

3.2 – Durante a crise energética

Vejam os que ocorrem com as expressões em estudo em exemplos extraídos das cartas do apagão:

- (5) *Informamos que se o consumo mensal verificado for inferior à meta estabelecida, o Sr(a) terá direito a um bônus de até 1 R\$ por cada R\$ que você poupar abaixo de sua meta(Coelce, 31/05/01).*
- (6) *Bônus: Os consumidores que reduzirem seus consumos abaixo da meta fixada terão direito a um bônus, cuja forma de cálculo ... (CPFL).*

Observamos em (5 e 6) o fato de existir um prêmio caso o consumidor não atinja a meta estabelecida. O que é diferente do observado nos exemplos de (1) a (4), em que há recompensa ao se atingir a meta.

Ainda na carta da Coelce, encontramos:

- (7) *Lembramos que caso o Sr.(a) não consiga atingir a meta estabelecida, terá o seu fornecimento de energia elétrica suspenso por dois dias, ou por quatro dias caso haja reincidência (Coelce).*

Quando comparamos (5, 6) e (7) percebemos que nesses exemplos a situação é a de não atingir a meta, porém em (5, 6) o consumidor ganha bônus e em (7) é punido. Uma das conseqüências do uso velado da expressão “atingir metas”, em uma técnica de evitamento da expressão “impor limites” causou muita confusão (A Tarde, “CONFUSÃO, muitos ainda têm dúvidas sobre a cota de redução do consumo”, 5/6/01).

Na Cartilha da CPFL, na seção 3. *Economizar energia elétrica é fácil*, há a seguinte pergunta com a respectiva resposta:

- (8) *Se eu ultrapassar a minha meta mensal de consumo, o fornecimento de energia elétrica será suspenso na minha casa?
Resposta: Todos os consumidores que ultrapassarem as suas metas estarão sujeitos a suspensão do fornecimento....*

E em (8) a pergunta não causaria dúvidas se estivesse formulada como “*Se eu ultrapassar meu limite mensal de consumo, o fornecimento de energia elétrica será suspenso em minha casa?*”. Para ultrapassar um ponto é necessário primeiro alcançar esse ponto, ou seja, antes de ultrapassar um ponto x , atingi-se x .

Voltando às definições de “atingir” e “meta” observamos que em nenhuma das entradas há referência a punição ou suspensão. De onde viria esse sentido, então? Segundo a teoria em que embasamos nosso trabalho, esse sentido de punição vem de uma outra expressão, que seria fonte reveladora da autoridade e do poder da fonte do discurso, o que se deseja evitar.

Conforme Lyons (1978: 479), “na semântica tradicional a sinonímia é vista geralmente como uma relação estabelecida entre unidades lexicais”. A definição é dada, pois, se uma expressão, E1, implica outra expressão E2, e se ocorre também o inverso, E1 e E2 são equivalentes.

Desse modo, duas palavras são consideradas sinônimas quando fazem em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase (Ilari 1985).

Considerando os exemplos de (1) a (4) ressaltamos os efeitos de sentido:

- (1) Cumprimento das metas do FMI → feliz e previsível 2001.
- (2) Acertar duas importantes metas. → o governo pode comemorar.
- (3) Atingir a meta. → fazer uma boa corrida.
- (4) Cumprir todos os objetivos → premiação.

No caso das cartas do apagão temos:

- (5) inferior à meta → bônus..
- (6) abaixo da meta → bônus.
- (7) não atingir meta (abaixo da meta) → punição.
- (8) ultrapassar meta → punição.

Observamos que o uso da expressão “atingir metas” das cartas do apagão não acarreta os mesmos sentidos dessa mesma expressão de um período anterior à crise energética, como nos exemplos (1 a 4), quando atingir metas resulta em recompensas e as do período subsequente à crise, nos exemplos (5 e 6) quando não atingir metas resulta em bônus, e (7 e 8) em que quando não atingidas ou ultrapassadas as metas resultam em punição

Podemos afirmar que o uso da expressão “atingir a meta” dos exemplos de (1 a 4) não é sinônimo do uso da mesma expressão dos exemplos de (5 a 8), o que coloca um problema, expressões idênticas deveriam acarretar os mesmos sentidos. Podemos

questionar então a estabilidade dos sentidos para entendê-los como discursiva e ideologicamente construídos, como aponta Fairclough em seus estudos críticos.

Examinaremos a seguir a carta da Cemig, companhia que se apôs às medidas governamentais durante a crise energética.

- (8) *A Cemig... sujeita-se a normas e regulamentos editados por autoridades Federais, independente de sua concordância ou desacordo com o prescrito.... Resolveu o Governo Federal, pela MP nº 2.148-1... impor ao usuário uma série de restrições ao consumo de energia... A Cemig põe-se à disposição dos seus usuários para os esclarecimentos [...] cumprindo o que lhe é imposto pelo poder federal concedente. (grifo nosso).*

Como conseqüência do sistema lingüístico utilizado, na língua portuguesa como na maioria das línguas, somente as sentenças negativas são marcadas. Consequentemente para discordar é preciso dizer não, ou dizer algo que mostre posicionamento negativo, enquanto que para concordar nada é preciso dizer. O fato de a carta da Cemig ser marcada por palavras como “prescrito”, “impor”, “restrições”, “imposição” palavras de cunho negativo no português indicam sua posição contrária às medidas governamentais. Não concordando com as medidas restritivas impostas, a Cemig não adota a expressão “atingir a meta” presente nas outras cartas. Posicionando-se contrariamente às medidas governamentais, num ato lingüístico, a Cemig opta por escrever com todas as letras “Resolveu o Governo Federal ... impor ao usuário uma série de restrições ao consumo de energia...” (Grifo nosso). Note-se que na carta da Cemig há um “usuário” e não um “cidadão brasileiro” uso enfatizado no discurso do presidente do Brasil na época da crise. A carta da Cemig revela a autoridade do governo brasileiro pelo uso de expressões como “A Cemig sujeita-se”...

Vejamos as entradas de significados de “impor” e “limite” nos dicionários, com o sentido potencial, estável, comum aos membros da comunidade.

im. por *vtd (lat imponere)*

1 Pôr em, pôr sobre ou em cima de; sobrepor. *vtd* **2** Determinar, estabelecer, fixar (direito, imposto, tributo). *vtd* **3** Fazer aceitar à força ou com sacrifício; obrigar a cumprir, pagar ou satisfazer. *vtd* **4** Conferir, dar, pôr: *Impor nome. Que nome lhe impuseram?* *vtd* **5** Tornar obrigatório: *Impor um preceito. Impor aos outros a sua opinião. Impor a sua vontade em todos os assuntos.* *vtd* **6** Condenar a, fazer sofrer, infligir: *Impor castigos, impor penas. Impuseram-lhe dura penitência.* *vpr* **7** Fazer-se aceitar, obrigar a que o recebam: *A verdade impõe-se. A imprensa impõe-se aos governos.* *vtd* **8** Infundir, inspirar: *O mestre impunha respeito e veneração. Não imponhais terror aos humildes.* *vtd* e *vpr* **9** Enganar com bons modos, fazer acreditar dolosamente: *A política o impôs*

superior em tudo. Conseguiu impor-se como jornalista. vti 10 Arrogar-se privilégios ou qualidades que não possui: "Impor de numes" (Bocage). *vtid 11* Assacar, atribuir, imputar: *Impor argumentos falsos. Temos de impor à sua responsabilidade estas coisas. I. silêncio: fazer calar. I. silêncio a:* não permitir que falem; refrear, reprimir; baldar, frustrar.
Michaelis on-line.

Na entrada de número 3 para "impor" temos "Fazer aceitar à força ou com sacrifício, obrigar a cumprir, pagar ou satisfazer. Esse é o sentido que a o termo "atingir" tomou nas cartas do apagão.

li.mi.te *sm (lat limite)*

1 Linha ou ponto divisório entre determinada extensão superficial ou terreno e o espaço superficial ou terreno adjacente; linha de demarcação. **2** Ponto ou linha Terminal além dos quais cessa a continuidade. **3** Fronteira natural que separa um país de outro. **4** Marco. **5** Extremo, fim, termo. **6** *Mat* Grandeza constante, de que uma variável se pode aproximar indefinidamente, sem atingi-la jamais. **7** Alcance máximo ou mais distante de um esforço. **8** Ponto máximo que qualquer coisa não pode ou não deve ultrapassar: *Limite dos preços, de um prazo. L. de alta ou de baixa, Econ polít:* valor estipulado diariamente pelas Bolsas de Valores como limites de preço para negociação de uma ação.
Dicionário Aurélio on-line – Uol 05.12.01

A conceituação em 8 para limite "ponto máximo que qualquer coisa não pode ou não deve ultrapassar" tem o sentido atribuído ao item "meta" nas cartas do apagão.

Considerando as entradas para "atingir" e "meta" acima, que não contemplam nenhum tipo de punição e considerando as entradas de "impor" e "limite" que contemplam punição e uso de força e, considerando que as cartas do apagão abordam a questão da suspensão de fornecimento de energia e de crêscimo de tarifas, para aqueles que não cumprissem as *metas*, digo limites, percebemos que não há relação entre sentidos discretamente demarcada: o que temos são variações a partir das apropriações ideológicas para os sentidos.

Percebemos haver diferentes efeitos de sentido produzidos pelo discurso do mesmo poder constituído no uso das expressões estudadas, em dois momentos históricos diferentes. No primeiro momento não havia crise e os sentidos decorrentes da expressão em estudo relacionam "meta" com "prêmio".

No segundo momento, da crise, os sentidos decorrentes da mesma expressão (Ex. 5 a 8) diferem daqueles do momento anterior. Nesse o governo produzia um discurso que procurava:

- 1) Esconder suas falhas de planejamento, declarando desconhecer a crise energética.
- 2) Colocar parte da culpa na falta de chuvas.
- 3) Colocar parte da culpa no uso perdulário de energia do cidadão brasileiro.
- 4) Camuflar sua autoridade e seu poder pelo uso de uma linguagem que buscava cooptar o cidadão brasileiro, procurando governar por consenso.

Este trabalho foi motivado pela observação do estado de confusão que as cartas do apagão causaram na população brasileira. Acreditamos que nossa análise crítica possa alertar os leitores para uma conscientização sobre o funcionamento da linguagem no cotidiano. Esperamos que nossa análise tenha contribuído para indicar que as expressões lingüísticas utilizadas pelo governo brasileiro contribuíram para o surgimento da confusão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho por tentar promover uma análise crítica utiliza o conceito de ideologia a partir da concepção crítica de John B. Thompson (1995) que também se encontra presente nos trabalhos elaborados por Fairclough (1993) e que considera a ideologia como um sentido a serviço do poder. Tal concepção pensa a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Esse enfoque crítico se refere à ideologia como um sentido usado em circunstâncias particulares para estabelecer e sustentar relações de poder chamadas por Thompson de relações de dominação. Percebemos que o sentido construído na expressão “atingir a meta” utilizada pelo governo brasileiro é estabelecido no processo sócio-histórico e estabilizado como um sentido que permite a operacionalização do neoliberalismo, ideologia que procura diminuir os gastos sociais do Estado, transferindo para o indivíduo a responsabilidade de manter sua saúde, bem estar e educação. O neoliberalismo envolve um retorno a uma forma primitiva de individualismo construído em termos da doutrina da soberania do consumidor, em que se afirma o paradoxo: o individualismo é benéfico para a sociedade.

Um outro *modus operandi* da ideologia neoliberal percebida nas cartas do apagão é o da “naturalização”. Subentende-se que os cidadãos brasileiros não sabem controlar seus recursos individuais, por isso, tem que ser estabelecida para eles uma meta e puni-lo caso não cumpra o estabelecido. A imagem do povo “gastão” é construída em contraste com a imagem de um indivíduo próprio do neoliberalismo, econômico, capaz de controlar seus gastos e gerir ele mesmo sua vida econômica. Denunciar e punir alguém que não cumpre sua meta é estabelecer e naturalizar o sentido de um cidadão neoliberal capaz de “atingir a meta”.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. (1995). "Balanço do neoliberalismo". In Sader, E. & Gentili, Pablo (orgs). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp.09-23.
- FAIRCLOUGH, N. (1993). *Language and Power*. Longman: London.
- GREEN, G.M. (1989). *Pragmatics and Natural Language Understanding*. LEA, Hillsdale, New Jersey, Hove and London.
- ILARI, R. (1985). *Semântica*. Ática, São Paulo.
- LEVINSON, S.C. (1992). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NOGUEIRA, C.S. (2000). *Os "mais velhos" na Folha de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Iel/Unicamp.
- LYONS, J. (1979). *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Editora da USP.
- SANTOS, L.M. (2001). "Oneoliberalismo", <http://www.cefetsp.br/~eso/neoliberalismolaerte.htm>.
- PETERS, M. (2001). "Neoliberalismo", Hp da Unesp, tradução de Amélia Siller.
- THOMPSON, J. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.